

JOSÉ Q. PINHEIRO
HARTMUT GÜNTHER

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Métodos de Pesquisa nos Estudos Pessoa-Ambiente



Casa do Psicólogo®

ALL
BOOKS®

© 2008 Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda e All Books Casa do Psicólogo®
É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, para qualquer finalidade,
sem autorização por escrito dos editores.

1ª Edição
2008

Editores

Ingo Bernd Güntert e Christiane Gradvohl Colas

Assistente Editorial
Aparecida Ferraz da Silva

Editoração Eletrônica
Sergio Gzeschnik

Produção Gráfica & Capa
Ana Karina Rodrigues Caetano

Revisão
José Luiz de Campos Salles

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente/ José de Queiroz
Pinheiro & Hartmut Günther, organizadores. – São Paulo: Casa do
Psicólogo, 2008.

Bibliografia.
ISBN 978-85-7396-574-2

1. Psicologia ambiental 2. Psicologia ambiental - Pesquisa I.
Pinheiro, José de Queiroz. II. Günther, Hartmut.

07-6264

CDD- 155.9

Índices para catálogo sistemático:

1. Psicologia ambiental 155.9

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Reservados todos os direitos de publicação em língua portuguesa à



Casa Psi Livraria, Editora e Gráfica Ltda.
Rua Santo Antonio, 1010 Jardim México 13253-400 Itatiba/SP Brasil
Tel.: (11) 4524-6997 Site: www.casadopsicologo.com.br



All Books Casa do Psicólogo®
Rua Simão Álvares, 1020 Vila Madalena 05417-020 São Paulo/SP Brasil
Tel.: (11) 3034-3600 E-mail: casadopsicologo@casadopsicologo.com.br

Sumário

Apresentação	7
A Metodologia do Experimento Ecológico	11
<i>Mara Campos-de-Carvalho</i>	
O Uso da Entrevista na Interação Pessoa-Ambiente	53
<i>Isolda de Araújo Günther</i>	
Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental	75
<i>José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali & Odara S. Fernandes</i>	
Como Elaborar um Questionário	105
<i>Hartmut Günther</i>	
Métodos de Avaliação da Percepção Ambiental	149
<i>Sylvia Cavalcante & Regina Heloisa Maciel</i>	
Percepção e Representação Ambiental - Métodos e Técnicas de Investigação para a Educação Ambiental	181
<i>Maria Inês Gasparetto Higuchi & Ariane Kuhn</i>	
Autobiografia Ambiental: Buscando Afetos e Cognições da Experiência com Ambientes	217
<i>Gleice Azambuja Elali & José Q. Pinheiro</i>	

Afetividade e Ambiente Urbano: Uma Proposta Metodológica pelos Mapas Afetivos	253
---	-----

Zulmira Áurea Cruz Bomfim

Diário Pessoal como Técnica de Coleta de Dados em Estudos Sobre as Relações Pessoa-Ambiente	281
---	-----

José Q. Pinheiro, Gleice A. Elali, Andréia V. M. Azevedo, Bárbara C. G. Farias, Mariana C. Costa & Soraya S. Andrade

Projetando Ambientes mais Sustentáveis com a Colaboração da Psicologia Ambiental	313
--	-----

Beatriz Fedrizzi & Sérgio Luiz Valente Tomasi

Interação Humana com Ambientes Naturais: Uma Revisão no Periódico <i>Environment and Behavior</i>	343
---	-----

Susana Martins Alves & Gowri Betrabet-Gulwadi

A Abordagem Multimétodos em Estudos Pessoa-Ambiente: Características, Definições e Implicações	369
--	-----

Hartmut Günther, Gleice A. Elali & José Q. Pinheiro

Grupo de Estudos
Inter-Ações Pessoa-Ambiente
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Apresentação

A presente coletânea se destina a profissionais que estudam as interações pessoa-ambiente nas suas mais variadas formas e queiram se aprofundar no domínio dos meios empregados para suas pesquisas. Usamos no título do livro o termo *estudos pessoa-ambiente* para caracterizar o campo de estudo dessa interface, mas temos plena consciência de outras denominações, tais como *estudos ambiente-comportamento*, *psicologia ambiental*, *comportamento pró-ambiental*, *psicologia arquitetônica* ou *projeto do lugar*. Mais importante, a relação entre pessoa(s) e ambiente(s) é objeto de estudo de profissionais da antropologia, arquitetura, psicologia, biologia, desenho industrial, educação ambiental, ergonomia, geografia, planejamento urbano, psicologia e sociologia, entre outros.

Sem dúvida, o campo dos estudos sobre a interação pessoa-ambiente avançou nos últimos 40 anos na Europa, nos EUA, e, especialmente, na América latina. Entretanto, existem poucos livros sobre como se faz pesquisa dessa interação; a única publicação da qual temos conhecimento surgiu em 1987, nos EUA, por Bechtel, Marans e Michelson. Pesquisadores da área costumam recorrer a livros de métodos das suas respectivas áreas de atuação, fato este que contribui para falta de coerência e dificuldade de interlocução entre as disciplinas envolvidas.

O objeto deste livro é facilitar o diálogo que transcende as linguagens metodológicas específicas, abrindo caminho para a abordagem multimétodos. Ressalta-se que, ao mesmo tempo em que os

capítulos apresentam maneiras diferentes de pesquisar a interação pessoa-ambiente, os seus autores têm trajetórias de formação diferentes e são provenientes de lugares de atuação geograficamente variados.

Os capítulos podem ser divididos em duas categorias. Os primeiros quatro tratam de técnicas “tradicionais” de pesquisa em sua aplicação à área de interação pessoa-ambiente: o experimento (capítulo 2), a entrevista (capítulo 3), a observação (capítulo 4) e o questionário (capítulo 5).

Os capítulos seguintes tratam de técnicas mais específicas para estudos de interação pessoa-ambiente:

A percepção ambiental é abordada nos capítulos 6 e 7: o primeiro propõe a aplicação de método de simulação para investigar a percepção de ambientes; o segundo mostra o potencial da percepção e da representação ambiental como recursos de investigação voltados para a educação ambiental.

A afetividade é tema enfatizado nos capítulos 8 e 9, respectivamente, sobre a autobiografia ambiental e os mapas afetivos. A autobiografia ambiental é apresentada como uma estratégia que explica a participação dos ambientes na história de cognições e afetos ambientais da própria pessoa, enquanto que os mapas afetivos enfatizam esses elementos na relação das pessoas com os ambientes da cidade.

O diário pessoal é objeto do capítulo 10, que ilustra o papel complementar dessa técnica, ou sua indicação especial para situações em que é difícil ou impossível a utilização de outros meios de coleta de dados.

O capítulo 11 apresenta a contribuição da psicologia ambiental para o projeto de ambientes mais sustentáveis.

Uma ilustração de revisão crítica da literatura é o tema do capítulo 12, que analisa artigos publicados no periódico *Environment and Behavior*, sobre o tema da interação das pessoas com os ambientes naturais.

O livro conclui com um apelo à necessidade de uso de abordagem multimétodos e da importância de utilizar, sempre que possível, mais de uma técnica num dado projeto de pesquisa.

Por fim, destacamos que a presente coletânea não tem a pretensão de ser exaustiva, pois as necessidades associadas à pesquisa das interações pessoa-ambiente indicam que muito ainda precisa ser construído. Ao mesmo tempo, esperamos que esse conjunto de trabalhos constitua um passo importante nessa direção.

Os organizadores

Referências

- Bechtel, R. B., Marans, R. W., & Michelson, W. (Org.). (1987). *Methods in environmental and behavioral research*. Nova York: van Nostrand Reinhold.

- Rossetti-Ferreira, M. C. (1984). O apego e as reações da criança à separação da mãe: uma revisão bibliográfica. *Cadernos de Pesquisa*, 48, 3-19.
- Smith, P. K. & Connolly, K. J. (1980). *The ecology of preschool behavior*. London: Cambridge: University Press.
- Sommer, B. & Sommer, R. (1997). *A Practical guide to behavioral research: tools and techniques*. New York: Oxford University Press.
- Stokols, D. (1987). Conceptual strategies of environmental psychology. In D. Stokols & I. Altman (Orgs.), *Handbook of environmental psychology* (vol. I, pp. 41-70). New York: Wiley.
- Stokols, D. (1992). Establishing and maintaining healthy environments – toward a social ecology of healthy promotion. *American Psychologist*, 47(1), (pp. 6-22).
- Tudge, J.; Gray, J. & Hogan, D. (1997). Ecological perspective in human development: a comparison of Gibson and Bronfenbrenner. In J. Tudge; M. Shanahan & J. Valsiner (Orgs.), *Comparisons in human development: understanding time and context* (pp. 72-105). New York: Cambridge University Press.
- Valsiner, J. (1987). *Culture and development of children's actions: a cultural-historical theory of developmental psychology*. London: John Wiley & Sons.
- Valsiner, J. & Benigni, L. (1986). Naturalistic research and ecological thinking in the study of child development. *Development Review*, 6, (pp. 203-223).
- Weisz, J. R. (1978). Transcontextual validity in developmental research. *Child Development*, 49, (pp. 1-12).

O Uso da Entrevista na Interação Pessoa-Ambiente

Isolda de Araújo Günther

Universidade de Brasília

*Como pôde um homem, um dia,
ter sido induzido a se espichar
em um divã e contar a outro a sua vida?
Donzelot (1972, p. 817)*

Definida por Bingham e Moore (1959) como conversação com propósito, a entrevista é tradicional técnica e instrumento de pesquisa em ciências sociais. Há indicações de haver sido utilizada pelos antigos egípcios, que realizavam censos populacionais (Babbie, 1992).

Na psicologia é amplamente utilizada como técnica no diagnóstico clínico, na terapia, na seleção e no aconselhamento. Como método de pesquisa tem o propósito de obter informações sistemáticas em diferentes áreas do conhecimento. No estudo da interação pessoa-ambiente a utilização de técnicas como o mapeamento comportamental, a autobiografia ambiental (respectivamente, capítulos 3 e 7 deste livro) têm inquestionável valor, porque agregam em sua concepção as pessoas, os conteúdos específicos aos estudos e os ambientes.

Que dizer da entrevista? Comenta-se que foi sugerida uma moratória, uma suspensão temporária de escritos sobre entrevistas, até que sua eficácia pudesse ser comprovada (Payne, 1951). Por que, então, dedicar mais espaço ao assunto? Por considerar que o bom manejo dessa técnica e sua adequação à investigação científica na

área serão de grande valia ao propósito de compreender a interação pessoa-ambiente.

O processo de fazer perguntas

Tendo como meta específica o ato de fazer perguntas, muitos autores (Cannell & Kahn, 1968; Pareek & Rao, 1980) entendem entrevista como forma de comunicação, do latim *communicare*, i.é, compartilhar, tornar comum. As resultantes deste processo, partilhadas por meio de símbolos verbais e não verbais, envolvem também sexo, idade, classe social, nível de escolaridade do entrevistador e do respondente, atributos que atuam como filtro na comunicação e influenciam o desempenho das tarefas de perguntar e de responder. Há regras explícitas e extensas para formular questões que podem ser consultadas, por exemplo, em Payne (1951), Judd, Smith, e Kidder (1991), Pasquali (1999).

Este capítulo enfatiza primar-se pela simplicidade e pela brevidade ao se elaborar questões. Alerta, entretanto, que levantar questões e formulá-las adequadamente depende dos conteúdos a investigar, dos resultados pretendidos, das amostras a serem estudadas, do *setting* e das demandas situacionais. Cannell e Kahn (1968) apontam os passos nos processos de entrevista que se relacionam ao entrevistador:

1. Selecionar uma meta e um conjunto de regras.
2. Elaborar o roteiro a ser aplicado.
3. Testar o plano preliminar da entrevista.
4. Registrar as respostas.
5. Criar categorias ou um sistema capaz de traduzir as respostas verbais.
6. Codificar as respostas obtidas.

Clarificar os passos do processo de responder às questões é história ainda a se contar.

A arte de obter respostas

De acordo com Rummel (1981) o entrevistador tem a importante tarefa de “fazer surgir o interesse e a cooperação do respondente” (p. 95). Ilustremos esta assertiva com o seguinte cenário: duas pesquisadoras (uma sênior, uma júnior) investigam num *shopping* quais os lugares preferidos por idosos. A pesquisadora sênior achegou-se a um potencial respondente aparentando 70 anos, mas tendo 82 anos que, sentado, observava os passantes. Esforça-se para estabelecer boa interação. Aparentemente consegue, vez que o potencial respondente aceita participar do estudo e à primeira questão dedica um sorriso. Diz que gosta de estar no *shopping* “para olhar as garotas”, dirigindo largo olhar em direção à pesquisadora júnior. Mantendo a direção do olhar, indaga: “ela também está entrevistando?”. Quando confirma que ambas trabalham juntas, ri marotamente, balança a cabeça, estende a mão em direção à pesquisadora júnior, como se estivesse expressando: “perdi a chance de olhá-la mais de perto...”.

Outro cenário: a pesquisadora sênior entrevistou três jovens de nove, dez e onze anos. Às suas costas, um deles comentou: “é, rapaz; quanto mais velho mais legal”. Estes exemplos corroboram com a citada necessidade de obter cooperação, mas levantam questões tanto de método quanto questões éticas.

O que leva a pessoa a permitir que um estranho lhe dirija, em ambiente público, perguntas sobre sua vida? Quais as razões que levam o respondente a aceitar questões, enquanto toma café num quiosque, espera na fila de um banco, passeia num *shopping*? Como conquistar e manter-lhe a atenção, em meio ao burburinho? Como conseguir entrar na casa do entrevistando, local de intimidade protegida, topografia de nosso ser íntimo, “nosso canto no mundo” (Bachelard, 2000, p. 24). Homens podem entrevistar mulheres? Jovens entrevistar velhos? Velhos entrevistar jovens? Como é possível obter diferentes respostas, se os entrevistadores são as mesmas pessoas, trabalham com os mesmos instrumentos?

Em seu doutorado, por exemplo, a autora investigou como jovens entre seis e doze anos percebem o novo ambiente, quando transportados para outra cultura (Günther, 1983, 1998). Para testar o instrumento da pesquisa, o comitê de tese autorizou um estudo-piloto com doze brasileiros de faixa etária equivalente, cujas famílias moravam na mesma região, temporariamente. A doutoranda entrevistou-os. Foi informada pelos respondentes que eles gostavam do Brasil, país maravilhoso, com riquezas naturais, habitado por gente tanto bonita, quanto acolhedora. Após quinze dias, para estabelecer a fidedignidade dos instrumentos, uma estudante estadunidense entrevistou novamente o grupo.

As questões e o procedimento foram iguais, mas diverso o resultado. Os brasileiros foram rotulados, desta vez, como pobres, feios e mal-educados. Resultados conflitantes? Dois lados da mesma moeda? Argumento capaz de aumentar a suspeição quanto à entrevista? Ou será que respondentes, tal qual cartomantes, por vezes expressam o que julgam que o entrevistador quer ouvir?

Status pesquisador-pesquisado

Benney e Hughes comentam que “os participantes [da entrevista] se comportam como se fossem de igual status enquanto dura a entrevista, mesmo que isto não corresponda à realidade” (1956, p. 142). Observa-se relação de igualdade durante a entrevista? Ocorrem relações de domínio ou subordinação?

Em geral respondentes idosos retornam ao passado, fazem detalhamentos, falam além do esperado, expandem conteúdo e tempo de entrevistas. O entrevistador concede que o respondente prossiga ou o respondente concede que o entrevistador escute? Quem controla? Aquele que é treinado para realizar a entrevista ou aquele que revela (ou não) o que se lhe pergunta? Quem está subordinado ao controle?

Estudemos esta passagem de um relato de pesquisa transcultural (Günther, 1998; tradução da autora):

Nas casas japonesas senti-me acolhida. Entendi imediatamente que deveria retirar os sapatos [...]. Entretanto, ocorreram algumas interações inesperadas. Considerando as variações de sotaque, decidi gravar as entrevistas. Quando solicitei permissão para gravar, ao entrar na primeira casa japonesa, a mãe respondeu: “Pode gravar, não tem problema! Estou gravando desde que você entrou. Por isso eu demorei a abrir a porta”. Esta mãe confirmou, posteriormente, que estava coletando informações sobre o desempenho de seu filho, para ajudá-lo a competir mais e melhor.

Nesse exemplo surpreende constatar que a coleta de dados foi uma atividade comum, embora não compartilhada.

Entrevistar: técnica ou arte?

Para Payne (1951), perguntar e obter respostas é uma arte. Certo e errado. Por ser arte, seu desempenho não se reduz a fórmulas. É técnica porque sua aprendizagem se dá ao combinar leitura de textos, observações, *role-playing* e os resultados obtidos. Resultados positivos endossam a confiança advinda da prática e realimentam seu aprimoramento. Bernard (1995) declara: “é impossível eliminar a reatividade e a subjetividade (p.220)”. Acrescente-se: pode-se minimizá-las.

Às vezes, focalizar na tarefa, formular questões e aproximar-se de pessoas pode não ser eficiente, dado ser preciso mais que seguir regras. É imperativo ser competente e criativo. Ao planejar estudar a situação de idosos entrevistando-os em suas residências (Khoury, 2005), a autora constatou a dificuldade de ter a adesão de potenciais respondentes, por se apresentar a eles por meio do interfone dos apartamentos. Resolveu o problema buscando respondentes em supermercados e demais locais freqüentados por idosos. Apresentava-se, informava-lhes ser doutoranda, expunha-lhes os objetivos do estudo e solicitava-lhes entrevistá-los em domicílio. Com esta estratégia conseguiu mais de três centenas de participantes.

Hong (1998) lembra que para vencer obstáculos relacionados a entrevistas devemos atuar não apenas como pesquisadores, mas sermos instrumentos de pesquisas. Devemos facilitar o processo por meio da capacidade de absorver a dificuldade, de selecionar quais as possíveis soluções, de modificar os procedimentos e os materiais, quando se fizer necessário.

Quanto às preocupações éticas importa esclarecer aos respondentes sobre a pesquisa, obter-lhes consentimento, preservar-lhes o anonimato, protegê-los contra danos emocionais. Rivlin (2003) recomenda constituir-se um comitê comunitário permanente para refletir sobre questões éticas, “hoje ignoradas ou relegadas ao discernimento dos pesquisadores” (p. 219).

A entrevista: propósitos e modalidades

Referindo-se ao propósito da entrevista, Herriot (1993) argumenta que seu foco deve estar na dinâmica interpessoal, uma vez que à semelhança de Sommer e Sommer (1997) defende que o cerne do processo se assenta na interação pessoal. Nesta linha de pensamento, Hough e Oswald (2000) comentam ser o aspecto não-verbal importante componente da análise e explicam que há quatro tipos: a) proxêmico; b) cronômico; c) kinésico e d) paralingüístico.

O *proxêmico* exemplifica um dos primeiros estudos sobre a interação pessoa-ambiente (Hall, 1960) e diz respeito ao padrão espacial e à norma cultural de distância que as pessoas tentam manter. Hall foi o primeiro a observar que essas distâncias se relacionam aos sentidos: cheiros dos outros, calor corporal, possibilidades de toque, visualização de características faciais.

Cotejando estas observações com nossa tarefa de entrevistar transeuntes em ambiente público urbano, verificamos como o *espaço pessoal* parece ter aumentado. Chama a atenção hoje, diferentemente mesmo de vivências recentes, que potenciais respondentes se distanciam, apertam a bolsa ao corpo, seguram-na com mais força,

preocupam-se com a presença do estranho que se aproxima e indaga sobre a disponibilidade para participar de uma entrevista.

O cronômico refere-se ao uso do espaçamento do discurso, da extensão do silêncio na comunicação e pode ser exemplificado, entre idosos, pela tendência a manifestar comportamentos motor e verbal lentos ou, na população geral, diante de questões que envolvem grande carga emocional.

Birdwhistel (*apud* Bechtel, Marans & Michelson, 1987) refere-se ao *kinésico*, que abrange a linguagem não-verbal, corporal e postural, elementos importantes para comparações e diferenciações inter e intra-individuais.

A *paralingüística* observa as variações individuais e inter-individuais em volume, tom, qualidade de voz, fornecendo informações valiosas sobre os respondentes.

Todos estes componentes ligados à interrelação pessoal merecem especial atenção uma vez que os estudos pessoa-ambiente se preocupam com o contexto do comportamento e, por sua vez, esse contexto determina quais os comportamentos possíveis ou “quão difíceis ou bem sucedidos eles poderão ser” (Bell et al., 2001, p. 2).

Quanto ao número de participantes, pode-se envolver apenas um indivíduo ou um grupo, como no caso do grupo focal. Merton, Fisk e Kendall (1956) foram precursores deste tipo de entrevista. Preconizaram envolver até 15 pessoas e defenderam a vantagem de verificar a existência (ou não) de atitude ou opinião e de tornar conhecidas suas possíveis variações.

No caso do grupo focal torna-se importante evitar que a discussão seja monopolizada por um dos membros, inibindo ou influenciando todo o grupo. A depender de propósitos e objetivos o pesquisador pode fazer entrevistas por meio do telefone (Silva & Günther, 1999), ou incorporar como ferramenta de trabalho avanços tecnológicos como e-mails ou videoconferências, essa última muito utilizada por corporações na seleção de pessoal.

Assim, como a entrevista tem variadas formas e modalidades, a mais comum envolvendo trocas face a face entre dois indivíduos,

este contato aproximado amplia a observação e possibilita verificar, entre outros aspectos, o comportamento verbal e não-verbal, a aparência, as condições gerais de saúde permitindo combinar informações de diferentes fontes.

A literatura relacionada à entrevista apresenta extensa discussão sobre sua estrutura, classificada dentro de um *continuum* que, não obstante variações de denominação envolve a gradação: a) entrevista não-estruturada; b) entrevista semi-estruturada; c) entrevista estruturada.

A respeito das modalidades de entrevista Lazarsfeld (1944) expôs, de forma brilhante, a controvérsia que prevalece até hoje sobre as vantagens e desvantagens de dois tipos de entrevistas denominados à época de: a) *entrevista em profundidade*; b) *entrevista do tipo sim - não - não sei*. Há sessenta anos este renomado sociólogo pontuou:

“Vemos que o problema não é novo. Desde o início da pesquisa social, estudantes tentaram combinar o valor das aplicações qualitativas detalhadas com as vantagens das técnicas mais formalizadas que pudessem ser utilizadas em massa” (1944, p.59). Este autor sugere o emprego de uma terminologia neutra, *entrevista aberta* (p. 39), para substituir a denominação entrevista em profundidade. Esclarece que a questão da pesquisa envolve múltiplos fatores e que alguns estudos clamam pelo uso de questões abertas, o que para outros “é definitivamente um desperdício” (p. 60).

Judd e colaboradores (1991) ao discutir o *continuum* da entrevista, lançam mão de denominação semelhante à de Lazarsfeld. Para eles, a decisão que deve ser feita pelo pesquisador refere-se às formas de escolha das perguntas, considerando os respondentes: questões abertas ou questões fechadas. As questões abertas permitem respostas escritas e faladas, sem limitações: “O entrevistador é instruído a registrar as respostas integralmente” (p. 139). Esta descrição assemelha-se à apresentada pelo antropólogo Bernard (1995), que utiliza o termo, entrevista informal, em razão da ausência de uma estrutura e salienta ser esta uma técnica preferencial na primeira fase da

pesquisa participante. Neste tipo de entrevista, entrevista não estruturada, faz-se uma lista com tópicos a investigar, sem classificá-los *a priori* e registram-se as informações que são codificadas num sistema de categorias.

As entrevistas semi-estruturadas baseiam-se em lista com temas e questões a serem seguidas conforme certa ordem ou referencial. São, na maioria das vezes, formuladas a partir de observações ou entrevistas informais, exploratórias.

Entrevistas estruturadas caracterizam-se por questões fechadas, exemplificadas em formulários, inventários, questionários. Questões fechadas compõem modalidades instrumentais específicas em que são apresentadas alternativas de respostas, uma das quais pode ser indicada como a opção que mais se aproxima da opinião do respondente. A idéia central desta técnica é a de controlar o estímulo apresentado a todos os sujeitos com o objetivo de comparar sua validade, uma vez que os respondentes se defrontam com questões e temas os mais idênticos possíveis. Suas vantagens estão ligadas à facilidade de codificação e à produção mais rápida de material para análise. A vantagem maior destes instrumentos que podem ser preenchidos pelo entrevistador ou pelo respondente, refere-se ao seu menor custo em termos de tempo. O pesquisador pode, teoricamente, utilizar o tempo despendido para entrevistar uma pessoa para entrevistar um grupo. Apresenta, ainda, as vantagens de possibilitar menos vieses do entrevistador uma vez que as questões seguem a mesma ordem, são menos sujeitas às pressões para obter resposta imediata e envolvem menor dificuldade de codificação.

Têm como desvantagens o potencial de limitar as possibilidades de escolha por envolver questões fechadas. Outra desvantagem que pode ser apontada quando o instrumento é auto-aplicável, diz respeito à falta de controle, por parte do pesquisador, sobre a ordem de responder as questões. A questão seguinte pode ser lida antes e, assim, influenciar ou modificar as respostas precedentes ou posteriores. Nas várias modalidades de entrevista deve-se estar preparado para interagir com pessoas que rejeitem participar; que afirmem

cooperar sem, de fato, fazê-lo; ou que sustem o contato inexplicavelmente, caso em que resta apenas agradecer e se retirar, na medida em que dados oriundos de tais circunstâncias são, sem dúvida, carregados de viés.

Alguns conceitos clássicos que fazem parte do referencial teórico relacionado à avaliação e medidas psicológicas devem ser mencionados. Começamos com *fidedignidade*, consistência da medição obtida em observações repetidas de um mesmo objeto, em circunstâncias semelhantes; e *validade* – termo que descreve um instrumento de medida ou testa se ele mede o que se propõe a medir. Além desses conceitos, Shaffir e Stebbins (1991) discutiram a questão da objetividade e do *rapport*, deixando claro que na entrevista a *validade de construto* e de *conteúdo* aumentam não por meio da busca da objetividade, mas da necessidade de saber dosar a subjetividade.

Pareek e Rao introduziram em 1980 um conceito até hoje pouco difundido, mas que é extremamente adequado aos propósitos da entrevista. Os autores enunciam o conceito de *autenticidade*, definida como a capacidade do entrevistador obter resposta genuína e sem viés, que depende não do instrumento, mas de quatro categorias de fatores que são relacionados:

- 1) ao ambiente da entrevista (local em que a entrevista é realizada, relevância temática da entrevista para o entrevistado, sensibilidade do tema, ou de determinadas questões tendo em vista os valores, as crenças do respondente);
- 2) ao background do entrevistador (afiliação, imagem, viés proveniente de treinamento inadequado, distância entrevistador-entrevistado);
- 3) ao background do respondente (emitir a resposta que considera socialmente aceitável, considerar que é mais competente na questão ou assunto que qualquer outra pessoa – síndrome de onisciência, experiência prévia);
- 4) ao contexto cultural (cortesia, maneira de reagir a estranhos, de se expressar).

O primeiro fator discutido por Pareek e Rao, *ambiente da entrevista*, será apreciado por guardar estreita relação com o conceito de *territorialidade*, definido como “um conjunto de comportamentos e atitudes por parte de um indivíduo ou grupo, baseados em controle percebido, tentado ou real sobre um espaço físico definível, objeto ou idéia, que pode implicar em ocupação habitual, defesa, personalização e demarcação” (Gifford, 2002, p. 150). Altman (1975) foi mais além ao desenvolver um sistema para classificar território, diferenciando pelo grau de privacidade, afiliação e acessibilidade. De acordo com esse sistema a entrevista pode ter lugar no *território primário* do respondente, isto é, em sua casa, em *território secundário*, isto é, na vizinhança, na escola, no trabalho, ou em *território terciário*, isto é, em espaço público como parques, espaços comerciais como *shoppings*, cafés, restaurantes. Chama-se a atenção, novamente, para a influência do *setting*, uma vez que da mesma maneira que “o palco é o ambiente no qual a peça teatral se desenrola ... na vida real nosso comportamento também ocorre no contexto de um ambiente” (Bell et al., 2001, p. 2). Assim sendo, deve-se ficar atento para o local da entrevista, porquanto os territórios primário e secundário são conhecidos pelo respondente e, presume-se, que o território secundário é neutro, por ser, em geral, conhecido tanto pelo entrevistado quanto pelo entrevistador.

O local da entrevista também influencia quanto ao papel assumido pelo entrevistado naquele local. Em casa, o papel assumido pode ser o de mãe, esposa ou chefe de família, enquanto que no trabalho é realçado o papel profissional. Como mencionado anteriormente, a presença de outras pessoas também altera a situação da entrevista. No caso de crianças e adolescentes recomenda-se a escolha de um local protegido da interferência de outras pessoas, particularmente de adultos significativos. Em estudo realizado por Günther (1983) a presença das mães sentadas junto aos filhos com idades de seis a doze anos parecia reduzir tanto a extensão quanto a qualidade das respostas. Em contraste, sem a presença de terceiros, as respostas eram qualitativamente diferenciadas como, por exemplo, a de um

menino de sete anos que, ao responder se gostava ou não de seu bairro, afirmou: “você não sabe o que é ser uma criança negra em um bairro de brancos”.

Diante das possibilidades de interferência, viés, inadequação e suas implicações nos resultados, que modalidade de entrevista se deve escolher? Não é demais dizer que questões e instrumentos de pesquisa devem ser adaptados às situações e aos problemas a investigar.

Lazarsfeld (1944) recomenda combinar as vantagens administrativas de um levantamento de dados (em termos da economia de tempo e recursos de pesquisador), com as vantagens psicológicas de uma entrevista aberta, uma vez que a interação se dá face a face. Argumento racional. Entretanto, ferrenhos defensores dos métodos qualitativo ou quantitativo, passados sessenta anos, ainda teimam em colocar uma perspectiva contra a outra, mantendo infinda controvérsia.

Landy, Shankster e Kohler (1994) chamam a atenção para a necessidade de se estabelecerem parâmetros de análise da estrutura do instrumento, do conteúdo manifesto e implícito, das questões formuladas, da maneira de avaliar as respostas, dos procedimentos empregados, dos entrevistadores e da ambiência das entrevistas. Esses autores apóiam o argumento de que “a validade da entrevista aumenta, à medida que sua estrutura se fortalece” (p. 276). Defendem os aspectos quantitativos relacionados a coeficientes de concordância entre entrevistadores, parecendo esquecer das recomendações de Lazarsfeld ao lembrar a irrelevância de saber como contar as coisas, se primeiro não se souber olhá-las.

A entrevista nos estudos pessoa-ambiente

A utilização da entrevista nos estudos pessoa-ambiente é importante por ter o potencial de salientar a relevância da dimensão físico-espacial do ambiente, integrante de experiências e ações humanas nos níveis intrapessoal e interpessoal, grupal e intergrupal. Por outro lado, a entrevista pode ser concebida como um exemplo de

um evento nos estudos pessoa-ambiente, por envolver aspectos do ambiente e permitir investigar variações de respostas a/em diferentes ambientes.

Wapner e Demick (2002) sintetizam a questão: “O sistema pessoa-ambiente é a unidade de análise que envolve transações (experiência e ação) da pessoa com o ambiente” (p. 5). A área atrai e reúne profissionais de antropologia, arquitetura, ergonomia, geografia, planejamento urbano, psicologia, sociologia e mais. Abrange, em suas investigações, os aspectos físicos, o funcionamento e os atributos sociais dos ambientes nos quais as pessoas moram, trabalham, locomovem-se, exercem atividades de lazer, vivem.

Ao revisar os pressupostos que orientaram a publicação do livro *An Introduction to Environmental Psychology* (Ittelson e cols., 1974), Rivlin (2003) referiu-se aos métodos de campo para analisar as interações pessoa-ambiente, reafirmando: “Mais do que conduzir estudos em laboratórios, abordagem muito empregada por psicólogos e outros cientistas sociais, o mundo tornou-se o local de pesquisa, e os estudos passaram a ser realizados em lugares da vida diária (p. 216)”.

Seguindo este *Zeitgeist* [espírito do tempo], Robert Sommer, no artigo “Toward a psychology of natural behavior” (1977), convidou os pesquisadores a ler ambientes com a finalidade de ampliar os contextos de investigação, diversificar os métodos de estudo e tentar encontrar soluções para os problemas do mundo real. Rivlin esclarece que esta argumentação não defende a extinção de estudos em laboratório, porque determinados estudos exigem tais procedimentos e, juntando-se a Sommer recomenda a adoção de estratégias de campo “na qual as pessoas são observadas e entrevistadas em seu meio” (2003, p. 216). Com base nessas observações é que se recomenda a utilização da técnica da entrevista no cotidiano da pesquisa nos estudos pessoa-ambiente, ao mesmo tempo em que se chama atenção para a conveniência de incorporar conceitos como espaço pessoal, territorialidade, privacidade à estrutura da entrevista.

A entrevista nos estudos pessoa-ambiente: alguns exemplos

Serão apresentados a seguir alguns exemplos de estudos das relações pessoa-ambiente que usaram a entrevista em suas investigações.

Lynch (1997), com o clássico *A imagem da cidade*, foi o primeiro a combinar técnicas como entrevista, desenho livre de mapas, fotografias além de vistorias (*walk through*), juntamente com os respondentes, a uma área da cidade. Um ano antes da edição deste consagrado livro, publicou em co-autoria com Malcolm Rivkin uma pesquisa que realizou no Instituto de Tecnologia de Massachusetts em que gravou as impressões das pessoas à medida que elas caminhavam nas ruas (Lynch & Rivkin, 1959/1970). O ponto de partida dos autores consistiu na indagação: “O que o cidadão comum percebe em seu cenário? O que causa a maior impressão nele e como eles reagem a estas impressões?”. Outros estudos sobre percepção urbana haviam sido publicados anteriormente, mas este foi o primeiro em que as respostas foram gravadas à medida que os respondentes se locomoviam pela cidade. O estudo teve início em uma esquina de Boston, nos Estados Unidos e o entrevistador dizia ao seu acompanhante: “Nós vamos fazer uma pequena caminhada. Não procure por nada em particular, mas me diga sobre as coisas que você vê, escuta ou cheira; todas as coisas e qualquer coisa que você nota”. Depois do passeio, em alguns casos dentro de poucas horas e, em outros, intercalados por dois ou três dias, os participantes eram novamente entrevistados. Inicialmente o entrevistador solicitava: “Tente se colocar de volta ao começo da caminhada, descreva em detalhes as seqüências das coisas e dos eventos que você notou”. Quando esta descrição estava completa, eram feitas outras questões: lembravam de algum edifício em particular? De componentes dos edifícios? Das pessoas? Dos sinais de trânsito? Do calçamento? Eram indagados também por quantas áreas passaram e se esta parte da cidade se integrava dentro da cidade de Boston. Foi dado a todos os sujeitos um conjunto de fotografias dos edifícios, das ruas, das calçadas

e se perguntou quais daqueles objetos haviam sido vistos na jornada. Os autores apontaram que os dados deste estudo sugerem que este método pode ser usado não apenas com o propósito de pesquisa, mas como um instrumento educacional uma vez que esta caminhada tende a aumentar e modificar a percepção da cidade. Além disto, a combinação do passeio com uma discussão sobre as respostas pode ser uma maneira eficiente de direcionar os interesses das pessoas para as condições da sua cidade.

Bechtel e Srivastava (1978) relatam uma entrevista de vistoria técnica (*a walk through interview*) utilizada em avaliação pós-ocupação, que recorre à ambiência física como estímulo para ajudar os respondentes a expressarem suas reações ao ambiente. Ornstein (1997) utilizou esta técnica em escolas de ensino médio e de ensino fundamental da grande São Paulo.

Recentemente, Thibaud (2003) apresentou o método dos percursos comentados (*la méthode des parcours commentés*), uma caminhada dinâmica centrada nas associações ligadas aos espaços e às sensações dos passantes, com o objetivo de compreender-lhes as experiências. O método privilegia a noção de ambiência e, como aponta Moser (2003), mostra que a qualidade ambiental não é um simples sinônimo de funcionalidade ou de estética. Falar com o pesquisador durante a caminhada faz emergir a tonalidade afetiva ligada aos lugares que emerge com toda força nos respondentes.

Utilizando referenciais da psicologia ambiental e da perspectiva do ciclo de vida (Baltes, 1987), Capone (2001) realizou estudo com o objetivo de verificar se o uso de ambientes de vizinhança contribui para a satisfação com tais ambientes. Quarenta idosos moradores de duas regiões do Distrito Federal foram entrevistados. Cada participante foi visitado pela pesquisadora duas vezes: uma para a entrevista propriamente dita, outra para a entrevista com um mapa da respectiva região e de dois mapas do Distrito Federal. Por ocasião da segunda visita os mapas eram abertos, por ordem crescente de escala, em uma mesa disponível. Por sobre os mapas foi utilizada uma folha de papel vegetal e solicitado, após a entrega de um lápis colorido, que

os participantes traçassem seus percursos pela vizinhança. Caso o participante afirmasse não ser capaz de desempenhar a tarefa eram apresentadas três opções: a) ajuda na detecção dos pontos nodais do mapa; b) marcação dos traços no mapa pela pesquisadora a partir das indicações verbais dos respondentes; c) passeio pela vizinhança para conhecimento dos caminhos percorridos e posterior elaboração do mapa pela entrevistadora. Com o uso desta técnica foi possível detectar que o conhecimento da vizinhança, associado a um maior número de serviços disponíveis aumentam a satisfação com a vizinhança e que a insatisfação com os serviços próximos à residência aumenta a necessidade de expansão do raio de ação.

Outro exemplo do uso da entrevista em estudos pessoa-ambiente é apresentado pelo estudo de Delabrida (2004) que investigou a imagem e o uso da bicicleta entre 230 moradores de uma cidade que tem uma ciclovia desde o seu planejamento. Realizou entrevistas domiciliares estruturadas com o objetivo de determinar se o uso da bicicleta pelos entrevistados era para lazer/esporte ou transporte/locomoção. Constatou que o uso predominante da bicicleta era para atividades de lazer, que a bicicleta era utilizada como transporte em pequenos trajetos e, em menor proporção, para ir ao trabalho e à escola. Fez parte da entrevista, também, o uso de um diferencial semântico para investigar a imagem da bicicleta que revelou que a percepção da bicicleta é mediada pelo seu uso, que ela é percebida ao mesmo tempo como útil e como perigosa e que a violência do trânsito e a possibilidade de roubos são as principais dificuldades enfrentadas pelos usuários.

Khoury (2005) investigou a relação entre controle primário (esforços para adaptar o ambiente a si mesmo), controle secundário (esforços para adaptar-se ao ambiente) e indicadores de envelhecimento bem-sucedido em uma amostra constituída por 315 participantes entre 60 e 92 anos, entrevistados individualmente em suas residências. Uma das cinco questões do estudo hipotetizou maior controle primário seletivo nos respondentes que habitavam ambientes mais favoráveis. Para avaliar os ambientes de moradia foram feitas

as seguintes anotações por ocasião da entrevista: a) se o participante morava em casa ou em apartamento; b) caso morasse em apartamento, em que andar morava e se havia elevador. Na ocasião indagou-se ao participante se possuía moradia própria; se a moradia continuava sendo financiada ou se morava de aluguel, em imóvel cedido ou imóvel funcional; se tinha disponível um quarto só para si, ou no caso de ser um casal, para ambos; qual a densidade sócio-ambiental da habitação, categorizada em função do número de moradores e do número de quartos existentes. Neste estudo, uma baixa densidade sócio-ambiental aliada ao fato de possuir quarto próprio relacionou-se a maior controle primário seletivo, corroborando pesquisas de Bell e colaboradores (2001), que ao se referir aos efeitos negativos da alta densidade no comportamento humano, apontaram que tais efeitos produzem redução do controle pessoal “por eliminar opções de comportamento e reduzir a liberdade de se comportar como se quer” (p. 29).

Como comentado anteriormente, muitos estudos na área fazem uso da técnica da entrevista mas, nas publicações, apenas referem seu uso sem apresentar os detalhamentos metodológicos. As contribuições aqui mencionadas constituem uma tentativa de exemplificar a prática da área, marcada pela troca constante entre teoria, análise e aplicação.

Limitações

Como lembra Kish (1987), o uso de qualquer abordagem metodológica implica num compromisso entre vantagens e desvantagens inerentes às diferentes técnicas. No caso da entrevista, as limitações são relacionadas aos custos, ao tempo exigido para completar as entrevistas planejadas, bem como às habilidades sociais requeridas por parte do entrevistador. Conquanto a entrevista abarque conteúdos manifesto e latente, seus resultados cingem-se ao que é comunicado, verbalizado e decodificado conforme as inferências elaboradas pelo entrevistador. Por esta razão, não é demais prevenir que seus resultados estão sujeitos aos vieses inerentes à interação humana.

Conclusão

Neste capítulo examinaram-se as oportunidades que a técnica de entrevista oferece ao estudo da interação pessoa-ambiente. A história da humanidade confirma: o homem influencia seu ambiente. Atesta também que o ambiente age sobre as pessoas. Há mais de dois mil anos, Hipócrates e os tantos séculos de escritos sobre a relação entre humor e sazonalidade demonstram sermos afetados pelo ambiente. A entrevista não é uma modalidade nova; sua aplicação é largamente conhecida. Sua longa história permite comportar refinamentos que podem ser úteis no reconhecimento da complexidade e das relações de interdependência entre as pessoas e seus ambientes. Os estudos pessoa-ambiente podem, por meio da adequada utilização da técnica da entrevista, contribuir para a elaboração de teorias de validade geral desenvolvidas na especificidade de um contexto, conforme reivindicado por Kaiser (2002). Quer sejam palco de ação as moradias dos respondentes, os locais de trabalho, de estudo ou lazer, os *shoppings*, as avenidas ou vielas, por meio da entrevista obtêm-se informações sobre os ambientes físicos, naturais ou construídos, sobre interiores ou exteriores, sobre as ações distintas das pessoas sobre os ambientes e da influência destes ambientes sobre as pessoas.

Agradecimentos

Agradeço a leitura criteriosa de Abelardo Vinagre da Silva e Ludmila Fernandes da Cunha. O trabalho teve apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Referências

- Altman, I. (1975). *The environment and social behavior: privacy, personal space, territoriality and crowding*. Monterey, California: Brooks/Cole.
- Bachelard, G. (2000). *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes.

- Babbie, E. (1992). *The practice of social research* (6th ed.). Belmont, California: Wadsworth.
- Baltes, P. B. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23, (pp. 611-626).
- Bechtel, R. B., Marans, R. W., & Michelson, W. (Orgs.). (1987). *Methods in environmental and behavioral research*. New York: van Norstrand.
- Bechtel, R. B., & Srivastava, R. (1978). *Post-occupancy evaluation of housing*. Washington, DC: Department of Housing and Urban Development.
- Bell, P. A., Fisher, J. D., Baum, A., & Greene, T. C. (2001). *Environmental psychology*, (5th ed.). Orlando, FL: Harcourt Brace.
- Benney, M., & Hughes, E. (1956). Of sociology and the interview. *American Journal of Sociology*, 62, (pp. 137-142).
- Bernard, R. H. (1995). *Research methods in anthropology* (2nd ed.). Lanham, MD: Altamira Press.
- Bingham, W. V. & Moore, B. V. (1959). *How to interview*. New York: Harper.
- Cannell, C. F. & Kahn, R. L. (1968). Interviewing. In G. Lindzey & E. Aronson (Orgs.). *Handbook of social psychology*, Vol. 2, (pp. 526-595, 2nd ed.). Reading, MA: Addison-Wesley.
- Capone, V. C. (2001). *Satisfação de idosos em ambientes de vizinhança de duas regiões do DF*. Dissertação de mestrado não-publicada. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Delabrida, Z. N. C. (2004). *A imagem e o uso da bicicleta: um estudo entre moradores de Taguatinga*. Dissertação de mestrado não-publicada. Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Donzelot, J. (1972). Une anti-sociologie. *L'Esprit*, 4, (pp. 817-855).
- Gifford, R. (2002). *Environmental psychology: principles, and practice* (3rd ed.). Colville, WA: Optimal Books.

- Günther, I. A. (1983). *Competence and acceptance: perceptions by foreign children and parents*. Tese de doutorado não-publicada. Michigan State University, East Lansing, Michigan.
- Günther, I. A. (1998). Contacting subjects: The untold story. *Culture & Psychology*, 4, (pp. 65-80).
- Hall, E. T. (1960). *The hidden dimension*. New York: Doubleday.
- Hong, G.-Y. (1998). Logistic and researchers as legitimate tools for “doing” intercultural research: A rejoinder to Günther. *Culture & Psychology*, 4, (pp. 81-90).
- Herriot, P. (1993). A paradigm bursting at the seams. *Journal of Organizational Behavior*, 14, (pp. 371-375).
- Hough, L. M., & Oswald, F. L. (2000). Personnel selection: looking toward the future – remembering the past. *Annual Review of Psychology*, 51, (pp. 631-664).
- Ittelson, W. H., Rivlin, L. G., & Proshansky, H. M. (1997). The use of behavioral maps in environmental psychology. In H. M. Proshansky, W. H. Ittelson, & L. G. Rivlin, (Orgs.), *Environmental psychology: man and his physical setting* (pp. 658-668). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Judd, Ch. M., Smith, E. R., & Kidder, L. H. (1991). *Research methods in social relations* (6th ed.). New York: Holt, Rinehart & Winston.
- Kaiser, F. G. (2002). Eine mehr und mehr angewandte Psychologie als gesellschaftlich & akademisch anerkannte Wissenschaft [Uma mais e mais aplicada psicologia como ciência social e academicamente reconhecida]. *Umweltpsychologie*, 6(2), (pp. 78-80).
- Khoury, H. T. T. (2005). *Controle primário e controle secundário: relação com indicadores de envelhecimento bem-sucedido*. Tese de doutorado não-publicado, Universidade de Brasília, Brasília, DF.
- Kish, L. (1987). *Statistical design for research*. New York: Wiley.

- Landy, F. J., Shankster, L. J., & Kohler, S. S. (1994). Personnel selection and placement. *Annual Review of Psychology*, 45, (pp. 261-296).
- Lazarsfeld, P. F. (1944). The controversy over detailed interviews: an offer for negotiation. *Public Opinion Quarterly*, 8(1), (pp. 38-60).
- Lynch, K. (1997). *A imagem da cidade*. (Trad. J. L. Camargo). São Paulo: Martins Fontes.
- Lynch, K., & Rivkin, M. (1970). A walk around the block. In H. M. Proshansky, W. H. Ittelson, & L. G. Rivlin, (Org.). *Environmental psychology: man and his physical setting* (pp. 631-642). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Merton, R. K., Fiske, M. & Kendall, P. (1956). *The focused interview*. New York: Free Press.
- Moser, G. (2003). Voir, sentir et ressentir son environnement. In G. Moser & K. Weiss (Orgs.), *Espaces de vie: aspects de la relation home-environnement* (pp. 43-47). Paris: Armand Colin.
- Ornstein, S. W. (1997). Post-occupancy evaluation performed in elementary and high schools of greater São Paulo, Brazil: The occupants and the quality of school environment. *Environment & Behavior*, 29, (pp. 236-263.)
- Pareek, U. & Rao, V. (1980). Cross-cultural surveys and interviewing. In H. C. Triandis & J. W. Berry (Org.). *Handbook of cross-cultural psychology: Vol. 2. Methodology* (pp. 127-179). Boston: Allyn and Bacon.
- Pasquali, L. (1999). Testes referentes a construto: teoria e modelo de construção. In L. Pasquali (Org.), *Instrumentos psicológicos: manual prático de elaboração* (pp. 37-71). Brasília: UnB/Ip/LabPAM.
- Payne, S. L. (1951). *The art of asking questions* (7th ed.). Princeton, NJ: Princeton U Press.
- Rivlin, L. G. (2003). Olhando o passado e o futuro: revendo pressupostos sobre as interrelações pessoa-ambiente. *Estudos de Psicologia*, 8, 215-220.

- Rummel, J. Francis (1981). *Introdução aos procedimentos de pesquisa em educação*. 4.ed. Porto Alegre: Globo.
- Shaffir, W. B. & Stebbins, R. A. (Orgs.). (1991). *Experiencing fieldwork*. Newbury Park, California: Sage.
- Silva, A. V., & Günther, H. (1999). Comportamento de ajuda no contexto urbano: um estudo experimental por meio do telefone. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, (pp. 189-197).
- Sommer, B. (1977, Janeiro). Toward a psychology of natural behavior. *APA Monitor*, 8, (pp. 1-7).
- Sommer, B., & Sommer, R. (1997). *A practical guide to behavioral research, tools and techniques* (4th ed.). New York: Oxford University Press.
- Stokols, D., & Altman (Orgs.), I. (1987). *Handbook of environmental psychology*. New York: Wiley.
- Thibaud, J.-P. (2003). La parole du public en marche. In G. Moser & K. Weiss (Orgs.), *Espaces de vie: aspects de la relation home-environnement* (pp. 113-138). Paris: Armand Colin.
- Wapner, S., & Demick, J. (2002). The increasing contexts of context in the study of environment behavior relations. In R. B. Bechtel & A. Churchman (Orgs.), *Handbook of environmental psychology* (pp. 3-14). New York: Wiley.

Observando a Interação Pessoa-Ambiente: Vestígios Ambientais e Mapeamento Comportamental

José Q. Pinheiro

Gleice A. Elali

Odara S. Fernandes

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A complexidade das interações entre pessoa(s) e ambiente requer instrumentos diversos para sua plena investigação, uma vez que nessas relações estão envolvidos desde aspectos diretamente mensuráveis até dimensões subjetivas. Quando queremos conhecer experiências, idéias e opiniões das pessoas, podemos perguntar-lhes a respeito, por meio de questionários ou entrevistas. Quando se trata da relação entre as pessoas e seus ambientes de vida, entretanto, muito do que elas fazem em seu cotidiano de interação com esses locais passa despercebido delas próprias; assim, mesmo que quisessem, elas não poderiam fornecer informações confiáveis a respeito. Além disso, as técnicas baseadas no auto-relato das pessoas costumam sofrer influência do que elas acham que deveriam ser ou fazer, do que gostariam de ser ou fazer, ou, ainda, de quem elas pensam ter sido ou do que pensam ter feito.

No contexto desta coletânea sobre métodos de pesquisa aplicados aos estudos pessoa-ambiente, a observação naturalística assume particular importância, como um recurso de que o pesquisador dispõe para conhecer os aspectos efetivamente manifestos do